

SOLILOQUIO 02

De tão raivosa que foi ficando com cada formiga que se atracava sua respiração foi aumentando, ela foi se estufando e palavras sujas foram saindo de sua boca. Os vizinhos só taparam os ouvidos quando as palavras imundas também começaram a sair. Xingava de boca cheia. E PÁ! E vai e vem! As formigas não davam folga nenhum segundo! Começariam agora não só a preencher seu corpo mas a morder! Beliscavam suas partes de cima a baixo! Na frente e atrás! De um lado e do outro! Não se via mais a sua casa. Não se escutava mais a sua porca. Arrancariam pedaços de seu corpo. Cada mordida, cada picada vazia a velha chorar e gargalhar! Chorava e gargalhava de tal maneira que aquela guerra parecia ser prazerosa. Uma alegria estranha. A cada pedaço que as formigas arrancavam um a risada diferente. A cada pedaço que as formigas arrancavam uma lágrima diferente. Aquela paisagem nunca, ninguém chegou a ver. Um misto de raiva e esperança de poder se livrar delas. Ódio e clamor para que Deus interferisse naquela situação. Mas parecia que Deus também havia tapado os ouvidos. Ela que se virasse com aquele tanto de formiga!

Um lugar nunca sentido antes. Um corpo inteiro formigando.

Foi então sumindo. Cada formiga levava um pedaço seu não sei para onde

O mar já não fazia tanta questão. Era apenas um mar.

Foi então se sumindo pedaço por pedaço.

Os pés caminhavam sozinhos. Os braços pegavam impulso e corriam como se fossem pernas. Os olhos rolaram para um buraco parecido com sua boca. O nariz e as orelhas ficaram sozinhos. Seu tronco servia de barreira para quando as ondas batessem fortes. Seus dedos dos pés e das mãos fincados na terra pareciam dizer que dali não sairiam. Cada fio de cabelo desapareceu também na terra. Ou no vento. E cada formiga, depois do acontecido tomava seu rumo de volta para algum lugar. Longas fileiras delas sumiam no infinito. Em apenas uma noite de alegria tudo se transformava e desfazia no corpo de uma mulher.

Em apenas uma noite de alegria tudo se transformava e desfazia no corpo daquela mulher.

Quando ao chegar do dia a lua escondida dava lugar ao brilho próprio do sol que clareava a terra. O frescor da manhã anunciava um dia diferente daquele que foi um dia. Já se avistava o rastro dos barcos de pescadores. No lugar de sua casa, a cicatriz. Lascas finas da madeira da casa e alguns machucados mais profundos, apareciam na terra. Uma pequena formiga escapava atrasada para o meio da mata. Nenhum sinal qualquer de outro bicho que pudesse ter vivido ali. Se avistado o local da serra uma depressão fazia a vez. O medo.

O medo tomava conta daquele lugar que um dia fora de alegria.

A solidão daquele pedaço de terra se transformava em história mal contada, caso, mentira, rima e verso. Os vizinhos tinham mais o que fazer. Seguiam suas vidas boas em suas casas também de madeira.

Formigas – Leo Moita